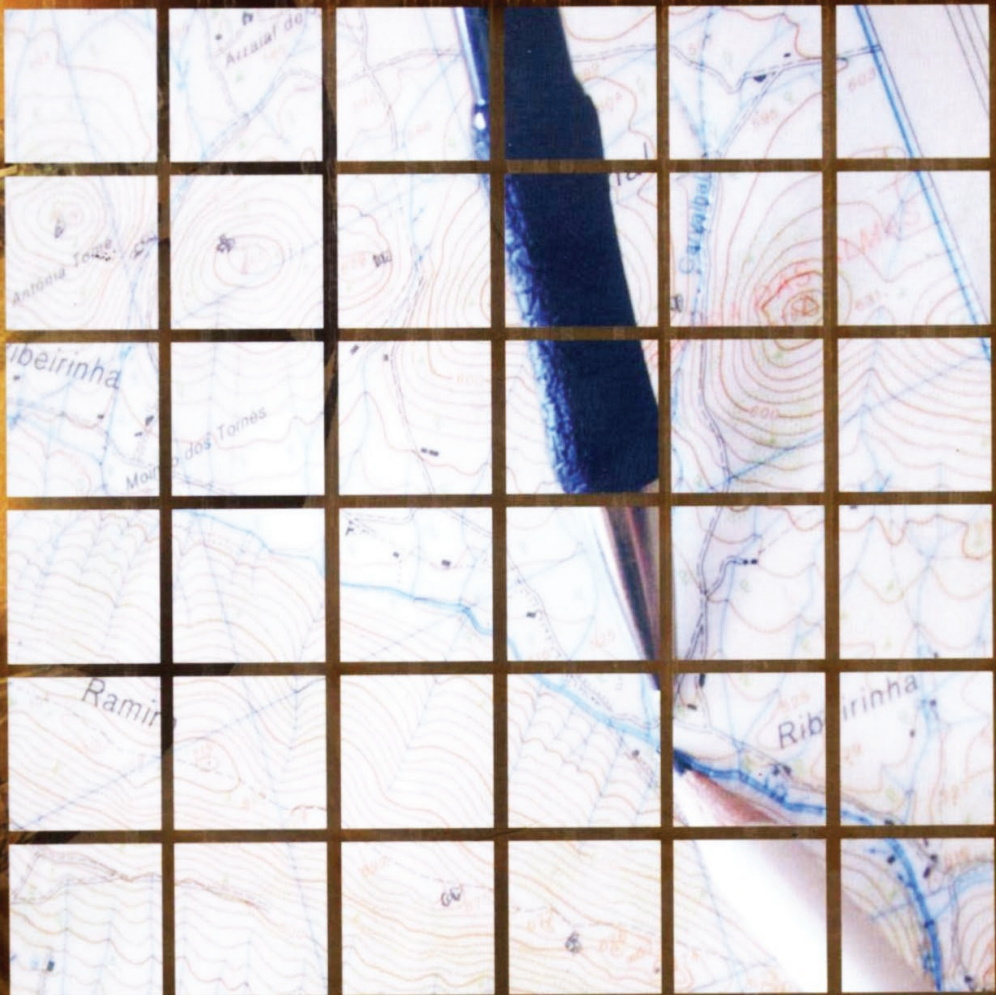


Instituto de Estudos Geográficos
Centro de Estudos Geográficos

Cadernos de Geografia



Nº 24/25 - 2005/06

Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

A geografia e o género: um encontro urbano. Os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra¹

Claudete Oliveira Moreira

Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. claudete@fl.uc.pt

Os estudos do género (*gender studies*) assumem uma importância crescente e incontornável nas ciências humanas e nas ciências sociais, nomeadamente na Geografia (*gender geography*). Cada vez mais os estudos sociais têm em conta as desigualdades entre os sexos, revelando-se o estudo do género (a análise da construção social e cultural do sexo), como um domínio científico importante na análise da construção social do espaço e da organização espacial da sociedade.

Numa análise centrada nos géneros, o *lugar*, o *espaço* e o *território*, deixam de ser interpretados como unos e passam a ser analisados sob uma perspectiva dual, plural. Esta perspectiva não se limita às espacialidades, sendo também extensível às temporalidades. Deste modo, o *tempo*, o *espaço* e o *quotidiano* são percebidos, vividos, pensados e representados de modo diferenciado, ainda que cada vez mais convergente, pelos géneros. O presente trabalho centra a análise teórica e empírica nestes pressupostos. Procuram contextualizar-se os géneros no espaço urbano, relativizando os princípios teóricos a um espaço específico: o espaço urbano de Coimbra e os territórios que servem de referência quotidiana aos seus residentes.

Os diferentes contextos relacionais, que polarizam as acções/interacções quotidianas, são contextos espaciais centrais neste estudo: os lugares de residência, os lugares de trabalho formal, os lugares de consumo bem como os lugares de lazer foram conhecidos pela investigação empírica que teve como universo amostral de referência a população residente nas freguesias urbanas da Sé Nova e de Santo António dos Olivais (na margem direita do Rio Mondego) e de Santa Clara (na margem esquerda), do concelho de Coimbra.

Foram realizados cento e setenta e dois inquéritos de forma directa, sob a forma de questionário, ao uso e percepção do tempo e do espaço no quotidiano da população em geral e das mulheres em particular (tendo sido possível conhecer o quotidiano de duzentas e oitenta e oito pessoas de modo indirecto). O objectivo do inquérito era perceber como é que os géneros organizam os tempos e as escalas espaciais nos seus quotidianos, tendo o género feminino estado sobrerrepresentado na amostra.

De cariz essencialmente geográfico, este estudo é transversalmente sustentado por uma análise social, económica e cultural da contemporaneidade no mundo desenvolvido, com reminiscências da sociedade providência, dizendo respeito à sociedade ocidental, urbana, pós-moderna, a espaços crescentemente urbanizados e terciarizados, que enquadram quotidianamente, o comportamento espacio-temporal dos géneros masculino e feminino. Há ao longo do estudo a preocupação de realçar os quotidianos das mulheres. Elas são relevadas pelo facto de protagonizarem, cada vez mais, os lugares, os espaços e os tempos nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

O estudo encontra-se estruturado em sete capítulos ao longo dos quais as abordagens teóricas vão sendo ilustradas com a análise das estatísticas e com os dados resultantes do inquérito próprio. O primeiro capítulo, o da *introdução*, está direccionado para a definição dos objectivos, para a apresentação das metodologias de trabalho, para a conceptualização do estudo, para a análise do espectro dos contextos relacionais no espaço urbano e para uma abordagem da importância do género na leitura social do espaço; no oitavo e último capítulo apresentam-se as considerações finais. Ao longo dos vários capítulos a análise são relativizadas em função do estatuto socioeconómico, da categoria socioprofissional, dos níveis de instrução, da conjugalidade, com e sem filhos, do ciclo de vida individual, do ciclo de vida familiar. Concluindo-se que estas, e outras, categorias de análise, matizam, de forma diferenciada, os comporta-

¹ Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de Mestre em Geografia Humana, em Maio de 2005, orientada pelo Prof. Doutor Norberto Pinto dos Santos. Distinguida pela Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, com o Prémio Prof. Doutor Fernando Manuel da Silva Rebelo, 2006. Aguarda publicação pela referida Fundação.

mentos sociais e espaciais do ser humano, quando analisado cada género *per se*, sendo o género valorizado, e mesmo validado, ao longo do trabalho, como uma categoria analítica heterogénea.

Sob o título de *os movimentos sociais nas constelações de mudança da pós-modernidade* tratam-se, no segundo capítulo, os novos movimentos sociais, surgidos nas décadas de 60-70 do século XX, entre os quais se destacam os movimentos feministas. Estes, apesar do seu cariz essencialmente político, depressa emergiram nas academias e forçaram, nos diversos saberes científicos, novas leituras do social e do espacial. Produziram assim uma clivagem com o quadro de valores, de normas, de padrões de comportamento vigentes, abrindo espaço e protagonismo às mulheres. Mulheres que não só mudaram o seu mundo, mas também o mundo económico, o social, o político, o demográfico e o científico.

Esta investigação começa precisamente por efectuar uma análise retrospectiva dos movimentos urbanos subversivos destacando o(s) feminismo(s), analisando as continuidades e as descontinuidades entre os *women's studies* e os *gender studies*, entre uma geografia feminista (mais prática e militantista) e uma geografia do género (mais teórica e académica). Evidencia-se o carácter marginal e controverso do(s) feminismo(s) e do(s) género(s) no âmbito do conhecimento geográfico, particularmente no seio de uma comunidade científica estabelecida, que sente, nestas abordagens, o perigo de se desvirtuar como ciência, mas demonstra-se, apesar de tudo, que há uma investigação crescente neste domínio, que procura versar não só as feminilidades mas também, e cada vez mais, as masculinidades.

No terceiro capítulo *da modernidade à pós-modernidade: tempo, espaço e quotidiano*, a investigação centra-se no tempo, no espaço e no quotidiano, procurando discutir os quadros teórico-interpretativos do real social que designam os novos tempos e espaços em que se vive. Problematicam-se as rupturas e as continuidades entre a modernidade e a pós-modernidade ou modernidade tardia, nomeadamente as alterações nos modos de produzir e de consumir, nas relações com o emprego/trabalho e o lazer, o surgimento de novos tipos de emprego, de novas tecnologias de informação e de comunicação, de novas relações com o espaço (que se contraí, que se fragmenta, que se torna descontínuo), de novas relações com o tempo (que se acelera, que escasseia, que é marcado pelo efémero, pelo simultâneo e pelo instantâneo) enfim, os novos quotidianos.

Neste capítulo da investigação académica é igualmente possível encontrar uma análise do urbanismo industrial, que caracterizou a sociedade capita-

lista, de cariz patriarcal, que ao suburbanizar espartilhou o feminino em termos de territorialidades e de sociabilidades, confinando-o ao espaço doméstico, privado, de reprodução social, a um periferismo urbano que contrastava com o espaço público, de produção, de relação, ocupado pelos homens, no centro das cidades. As áreas suburbanas são consideradas um *gendered space*, um espaço assinalado pelo género, vivido pelas mulheres burguesas que, num primeiro momento, estiveram subrepresentadas no centro do espaço urbano, não participando na organização espacial da cidade.

A transição de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial, de uma sociedade produtora de bens para uma sociedade prestadora de serviços, de uma sociedade operária para uma sociedade funcionária, de uma sociedade moderna para uma sociedade pós-moderna, em que o trabalho físico/braçal dá lugar ao trabalho intelectual, em que os 'colarinhos azuis' dão lugar aos 'colarinhos brancos', conduziu à reestruturação económica e produtiva, tendo possibilitado uma combinação no tempo e no espaço dos elementos facilitadores do aumento da participação económica das mulheres. Concomitantemente, têm lugar profundas mudanças nas participações sociais dos géneros e no modo como os lugares e o espaço passaram a ser produzidos socialmente. Surgem novos comportamentos, novas estruturas familiares, novas estruturas de consumo, que se ligam a novos estilos de vida e a novas identidades.

A *Terciarização e feminização da sociedade urbana: implicações dos géneros no domínio produtivo* é tratada num quarto capítulo, em que se começa por concluir que esta integração socioeconómica das mulheres no trabalho formal revela especificidades no território nacional quando comparada com a inserção noutros países da Europa. Particularismos que se traduzem pelas elevadas taxas de actividade, mesmo em fases mais avançadas do ciclo de vida individual, e pela significativa importância do emprego a tempo integral. A este facto não é alheia a dimensão social do Estado-Providência português que nos domínios da educação e da saúde abriu caminho à participação da mulher, que encontra, nestes desempenhos profissionais integrados no designado terciário social, extensões da reprodução social que lhe estava cometida na esfera privada. Concluiu-se igualmente que apesar dos desempenhos das mulheres serem socialmente reconhecidos ainda são economicamente subvalorizados. E no domínio das remunerações constata-se que o diferencial entre o ganho médio mensal feminino e masculino tende a aumentar, com prejuízo para as mulheres.

Neste quarto capítulo a análise da representatividade dos géneros nas actividades económicas em

Portugal permitiu verificar que há um maior número de actividades polarizadas pelos homens do que pelas mulheres. Os homens controlam as actividades essenciais ao funcionamento da economia: a fabricação, a circulação e a regulação. Só ao nível da distribuição é que as mulheres conseguem polarizar algumas actividades económicas como a prestação de serviços: domésticos às famílias, de educação e de saúde, sendo notório, um desinvestimento, por parte delas, nas actividades de produção e de transformação.

Para além disto, conclui-se que os quadros, quer intelectuais e científicos, quer administrativos intermédios, são maioritariamente compostos por mulheres. Aparentemente paradoxal parece ser o facto das mulheres marcarem e reforçarem a sua presença entre os trabalhadores administrativos do comércio e dos serviços não qualificados. Explicação que parece residir nos desiguais níveis de formação que existem entre as mulheres que integram os diferentes escalões etários.

No quinto capítulo, *a família uma instituição social em mutação*, analisam-se as alterações nas famílias em termos de dimensão, de composição e de duração, mas também o modo como o ciclo de vida familiar condiciona o tempo, os lugares e os espaços quotidianos da participação da mulher no trabalho formal.

Em termos de constituição da família a investigação empírica permitiu concluir da existência de uma exogamia socioprofissional, reflexo do facto das mulheres que integram baixas categorias socioprofissionais contraírem matrimónios ou uniões de facto com homens de categorias mais elevadas. Notório é que a entrada da mulher no trabalho formal complexificou o posicionamento social dos agregados familiares possibilitando uma mobilidade social ascendente do agregado familiar.

A participação da mulher no trabalho formal levou a que a reprodução social, antes cometida à mulher se redefina, tendo vindo a ser, num primeiro momento, parcialmente delegada em instituições públicas disponibilizadas pelo Estado-Providência, pela via de um terciário social reprodutivo. Mas hoje, fruto da crise do Estado assistencialista, a oferta privada deste terciário tem vindo a aumentar. Para além disto, muitas das tarefas de reprodução social são crescentemente partilhadas com o homem, outras são externalizadas com o recurso a serviços, ou contratando uma empregada doméstica principalmente para o trabalho doméstico mais repetitivo, cansativo e pouco compensador do ponto de vista da realização pessoal, ou mesmo recorrendo às relações de proximidade espacial, de vizinhança e/ou de parentesco, fundamentalmente às intergeracionais.

Comprova-se que há uma tendência de participação mais simétrica dos géneros na esfera doméstica, importante na redefinição das identidades associadas aos géneros e das concepções de masculinidade e de feminilidade.

Num sexto capítulo, sob a designação de *tempo livre, lazer e consumo dos géneros na sociedade urbana contemporânea*, aos tempos e espaços de emprego, conotados com a compressão, a obrigação, a intelectualização, opõem-se os tempos e os espaços de lazer, de descompressão, de libertação, onde se usa o corpo.

Constata-se que o tempo livre é o tempo que resta fora do trabalho formal e informal, sendo que o tempo livre do trabalho formal é usado pelas mulheres em actividades de reprodução social que quase nunca significam lazer. Apesar do inquérito próprio ter revelado que um número significativo de mulheres vê estas actividades domésticas como *hobbies*.

Conclui-se da perda de importância, apenas relativa, do trabalho formal, pois afirma-se a sua centralidade no quotidiano, como forma de viabilizar tempo e meios materiais para fazer face a um lazer que se mercantilha. Daí que, apesar de parecer paradoxal, cada vez se investe mais no emprego, em formação, em horas extraordinárias, em duplo emprego.

Verificou-se que as dificuldades de integração das mulheres na socioeconomia comprometem o acesso aos tempos e aos espaços de lazer, particularmente das mulheres que integram as categorias socioprofissionais mais baixas. As mulheres que estão integradas em carreiras profissionais mais exigentes, em categorias socioprofissionais mais elevadas, apresentam uma maior diversidade da espacio-temporalidade dos lazes. No domínio do lazer os homens espacializam cada vez mais os seus lazes em casa, enquanto as mulheres procuram crescentemente o espaço fora de casa, privilegiando o passear, a prática de desportos. O universo amostral do inquérito próprio mostrou que a prática de actividades físicas como forma de lazer, fora de casa, predomina entre as mulheres que não têm filhos, que possuem um curso superior e que trabalham em média 30,4 horas por semana. A participação em actividades culturais: assistir a espectáculos ou ir ao teatro, são as formas de evasão mais preferidas pelo género feminino. A mulher, em meio urbano, pela maior solvência e pelos maiores níveis de instrução, acede, mais do que os homens, às formas de cultura de elite.

Neste capítulo faz-se uma análise do consumo, verificando-se que há diferenças de género, para os homens *ter* é sinónimo de *poder*, de *domínio*; para as mulheres é sinónimo de *pertença*, de *integração*. Neste domínio, o do consumo, demonstra-se, entre

outras coisas, como se virilizam os femininos e como se feminizam os masculinos.

A estruturação do espaço urbano de Coimbra: temporalidades e espacialidades - variações de género foi a designação escolhida para o sétimo capítulo. Neste justifica-se a eleição de um centro urbano específico: Coimbra, que possibilita interpretar os tempos e os espaços dos géneros, nomeadamente, quando enquadrado em territórios do quotidiano mais vastos, o concelho e a Região Centro. Deste modo, integra-se o centro urbano de Coimbra no sistema urbano da Região Centro e analisa-se, em traços gerais, a organização intra-urbana de Coimbra, cuja expansão do espaço construído se tem traduzido na criação de novas áreas residenciais, alicerçadas em infra-estruturas e equipamentos integrados no terciário, criando-se novas centralidades urbanas.

Neste capítulo é possível encontrar a caracterização do universo amostral, sendo aclaradas as intenções subjacentes à definição da amostra.

As últimas abordagens deste capítulo estão voltadas para a mobilidade espacial e para a importância desta na estruturação das temporalidades e das espacialidades. Privilegia-se a mobilidade espacial quotidiana, aquela que ocorre entre os lugares de residência e de trabalho, e que é estruturante de todas as

outras. Conclui-se que o emprego na freguesia de residência é uma realidade mais comum entre as mulheres que residem nas freguesias do centro urbano de Coimbra e nas que residem na bordadura deste, onde a oferta de emprego terciário é maior. Nas freguesias mais marginais a oferta de emprego feminino decai, induzindo uma mobilidade centrípeta, que não encontra correspondência com o género masculino, cujo padrão de localização das actividades socioprofissionais é espacialmente mais disperso. Há assim, à escala concelhia, um padrão espacial diferencial inter-géneros.

Constatou-se igualmente que há uma representatividade desigual dos géneros em termos de espaços geográficos de emprego, nas escalas espaciais, nos tempos de deslocação, nos meios de transporte escolhidos e no modo, individualizado ou não, de se deslocarem. As territorialidades masculinas são mais alargadas, sendo a freguesia o território preferencial na escolha que as mulheres fazem para o exercício de uma actividade profissional.

No oitavo capítulo são apresentadas as *considerações finais*, transversais a toda a investigação. Aqui se conclui, nomeadamente, que os quotidianos dos géneros são cada vez mais confluentes, negociando-se de modo crescente lideranças e áreas de influência.